

LEANDRO GOMES DE BARROS

ANTONIO SILVINO O REI DOS CANGACEIROS



A' venda, Rua do Alecrim 38 E



LEANDRO GOMES



ANTONIO SILVINO

O REI DOS CANGACEIROS



O povo me chama grande
É como facto eu sou,
Nunca governo venceu-me
Nunca civil me ganhou,
Atraz de minha existencia
Não foi um só que cançou,

Já fazem 18 annos
Que não posso descansar,
Tenho por profissão o crime
Lucro aquillo que tomar,
O governo ás vezes damna-se
Porém que geito ha de dar?!

O governo diz que paga
Ao homem que me der fim,
Porém por todo dinheiro
Quem se atreve a vir a mim?
Não ha um só que se atreva
A ganhar dinheiro assim.

Ha homens na nossa terra
Mais ligeiros do que gato,
Porém conhece meu rifle
E sabe como eu me bato,
Pucha uma onça da fuma,
Mas não me tira do matto.

Telegraphei ao governo
E elle lá recebeu,
Mandei-lhe dizer: doutor,
Cuide lá no que for seu,
A capital lhe pertence
Porém o estado é meu.

O padre José Paulino
Sabe o que elle agora fez?
Prendeu-me dous cangaceiros,
Tinha outro preso fez tres,
O governo precisou
Matou tudo de uma vez.

Porém deixe estar o padre,
Eu hei de lhe perguntar
Elle nunca cortou canna
Onde aprendeu a amarrar?
Os cangaceiros morreram,
Mas elle tem que os pagar.

Depois elle não se queixe,
Dizendo que eu lhe fiz mal,
Eu chego na casa delle,
Levo-lhe até o missal,
Faço da batina delle
Tres mochilas para sal.

Um dos cabras que mataram,
Valia tres Ferrabraz,
Eu não dava-o por cem papas,
Nem quinhentos cardeaes,
Não dava-o por dez mil padres,
Pois elle valia mais.

Mas mestre padre entendeu
Que ia acertadamente
Em pegar meus cangaceiros
E fazer delles presente,
Quem tiver pena que chore
Quem gostar fique contente.

Meus cangaceiros morreram
Mas elle morre tambem,
Eu queimando os pés aqui
Nem mesmo o diabo vem,
Eu não vou criar gallinhas
Para dar capões a ninguem.

Tudo aqui já me conhece
Algum tolo inda peleja,
Eu sou bichão no governo
E sou trunfo na igreja,
Porque no lugar que passo
Todo mundo me festeja.

No norte tem quatro estados
A' minha disposição,
Pernambuco e Parahyba
Dão-me toda distincção,
Rio-Grande e o Ceará
Me conhecem por patrão.

No Pilar da Parahyba
Eu fui juiz de direito,
No povoado — Sapé,
Fui intendente e prefeito,
E o pessoal d'ali
Ficou todo satisfeito.

Ali no Entroncamento
Eu fui Vigario-Geral,
Em Santa Rita fui bispo,
Bem perto da capital,
Só não fui nada em Monteiro,
Devido a ser federal.

Porém tirando o Monteiro,
O resto mais todo é meu,
Aquillo eu faço de conta
Que foi meu pai que me deu,
O governo mesmo diz:
Zele porque tudo é seu.

Na villa de Batalhão,
Eu servi de advogado,
Lá desmanchei um processo
Que estava bem enrascado,
Livrei tres ou quatro presos
Sem responderem jurado.

Só não pude fazer nada
Foi na tal Santa Luzia,
Perdi lá uma eleição,
A cousa que eu não queria,
Mas o velho rifão, diz:
Roma não se fez n'um dia.

O padre José Paulino
Pensa que angú é miungau
Entende que sapo é peixe
E barata é bacuráo,
Pegue com chove e não molha,
Depois não se metta em páo.

Eu já encontrei um padre,
Recommendado do papa,
Tinha o pescoço de um touro,
Bom cupim para uma tapa,
Fomos ás unhas e dentes,
Foi ver aquella garapa.

Quando o rechunchudo viu
Que tinha se desgraçado,
Porque meu facão é forte,
Meu braço é muito pesado,
Disse: vôte, miseravel,
Abaucou logo veado.

Eu gritei-lhe: padre-mestre,
Me ouça de confissão,
Elle respondeu-me damne-se,
Eu lhe deixo a maldição,
Em mim só tinha uma corôa,
Voscê fez outra a facão.

Eu inda o deixei correr
Por elle ser sacerbote,
Para cobra só faltava
Enroscar-se e dar o bóte,
Aonde elle foi vigario,
Quatro levaram chicote.

Foi tanto qu' eu disse a elle:
Padre não seja atrevido
Tire a peneira dos olhos,
Veja que está illudido,
Eu lhe respeito a corôa,
Porém não o pé do ouvido.

O velho padre Custodio,
Usurario, interesseiro,
Amaldiçoava quem dêsse
Rancho a qualquer cangaceiro,
Enterrou uma fortuna,
E eu sonhei com o dinheiro!...

Então fui na casa d'elle,
Disse, padre eu quero entrar,
Sonhei com dinheiro aqui!...
E preciso o arrancar,
Quero leval-o na frente
Para o senhor me ensinar.

O padre fez uma cara,
Que só um touro agastado,
Jurou por tudo que havia,
Não ter dinheiro enterrado,
Eu lhe disse, padre-mestre,
Eu cá tambem sou passado.

Lance mão do cavador,
E vamos ver logo os cobres,
Esse dinheiro enterrado
Está fazendo falta aos pobres,
Usemos de caridade
Que são sentimentos nobres.

Dez contos de réis em ouro
Achemos lá n'um surrão,
Tres contos de réis em prata
Achou-se n'outro caixão,
Eu disse: padre não chore,
Isso é producto do chão.

O padre ficou chorando
Eu disse a elle afinal
Padre mestre este dinheiro
Podia lhe fazer mal
Quando criasse ferrugem
Lhe desgraçava o quintal.

Ajuntei todos os pobres
Que tingam nessecidade
Troquei ouro por papel
Haja esmola em quantidade
Não ficou pobre com fome
Ali naquella cidade

O padre José Paulino
Acha que estou descaçado
Queria fazer presente
Ao governo do Estado
Deu trez cangaceiros meus
Sem nada lhe ter custado

Um desses ditos rapazes,
Estava até tuberculoso,
O segundo era um astmatico,
O terceiro era um leproso,
O urubú que o comeu
Deve estar bem receioso.

Tive nos meus cangaceiros
Um prejuizo damnado,
Primeiro foi Rio-Preto,
Segundo Pilão-Deitado,
Os homens mais destemidos
Que tinham me acompanhado.

Eu juro pelo meu rifle,
Que o Padre José Paulino
Cae sempre na ratoeira
E paga o grosso e o fino,
Não ha de casar mais homem,
Nem baptizar mais menino.

Eu sempre gostei de padre
Tenho agora desgostado
Padre querer intervir
Êm negocios do Estado?!...
Viaja sem o missal,
Mas leva o rifle encostado.

Êm vez de estudar o meio
Para nos aconselhar,
Só quer saber com accerto,
Armar rifle e atirar,
Lá onde elle ordenou-se,
Só lhe ensinaram a brigar.

Depois elle não se queixe,
Nem diga que sou malvado,
Êlle nunca assentou praça
Como póde ser soldado?
Não tem razão de queixar-se,
Se tiver mau resultado.

Quatro estados reunidos
Tratam de me perseguir,
Julgam que não devo ter
O direito de existir,
Porém enquanto houver matto,
Eu posso me escapolar.

Eu ganhando essas serras,
Não temo alguém me pegar
Ainda sendo um que pegue,
Uma piaba no mar,
Um veado em matta virgem
E uma mosca no ar.

Eu já sei como se passa
Cinco dias sem comer,
Quatro noites sem dormir,
Um mez sem agua beber,
Conheço as furnas onde durmo
Uma noite se chover.

Uma semana de fome,
Não me faz precipitar,
Mato cinco ou seis calangros
Bóto no sol a seccar,
Quatro ou cinco lagartixas,
Dão muito bem um jantar.

Eu passei mais de um mez
Numa montanha escondido,
Um rapaz meu companheiro
Foi pela onça comido,
Por essa onça também
Eu fui muito perseguido.

Era um logar esquisito,
Nem passarinho cantava!...
Apenas á meia noite
Uma coruja piava,
Então uma grande onça,
De mim não se descuidava.

Havia muitos mocós,
Eu não podia os matar,
Andava fropa na serra
Dia e noite a me caçar,
No estampido do tiro
Era facil alguém me achar.

Passava-se uma semana
Que nada ali eu comia,
Eu matava algum calangro
Eue por perto apparecia
Botava-os na pedra quente
Quando seccava eu comia

Quando apertava-me a sêde
Pegava crôa de frade
Tirava o miolo della
Chupava aquella humidade
Lá eu conheci o peso
Da mão da necessidade

Um dia que a tropa andava
Na serra me procurando
Viram que um grande tigre,
Estava em frente os emboscando
Um dos officiaes disse:
Estamos nos arriscando.

E o Antonio Silvino
Não anda neste logar,
Se elle andasse, aquella onça
Havia de se espantar,
Eu estava perto delles,
Ouvindo tudo fallar.

Ali desceu toda a tropa,
Não demoraram um momento,
Um soldado que trazia
Um sacco de mantimento,
Por minha felicidade
Deixou-o por esquecimento.

Eu estava dentro do matto,
Vi quando a tropa desceu
O tigre soltou um urro,
Que o tenente estremeceu
Até a borracha d'agua
Uma das praças perdeu.

Quando eu vi que a tropa ia
Já n'uma grande lonjura,
Fui, apanhei o mochila,
Achei carne e rapadura,
Farinha, queijo e café,
Ahi chegon-me a fartura.

Achei a borracha d'agua
Matei a sêde que tinha,
A carne ja estava assada,
Fiz um pirão da farinha,
Enchi a barriga e disse:
Deus te dê fortuna, oncinha.

Porque a tua presença
Fez toda a força ir embora,
O ronco que tu soltasses,
Encheu-me a barriga agora,
Eu com a sêde que estava,
Não durava meia hora.

E é agora o que faço,
Havendo perseguição,
Procuro uma gruta assim
E lá faço habitação,
Só levo lá, um, dous rifles
E o sacco de munição.

Me mudo para uma furna
Que ninguem sabe onde é,
A furna tem meia legua
Marcando de vante a ré,
A onça chega na bocca
Mas dentro não põe o pé.

A onça conhece a furna,
Desde a entrada á sahida
Porém qual é essa féra
Que não tem amor á vida?
Uma onça parte assim,
Se veudo, quase perdida!...

Quando eu deixar de existir
Ninguem fica em meu lugar,
Ainda que eu deixe filho,
Elle não pode ficar,
Porque a um pai como eu
Filho não póde puxar.

Pode ter muita coragem
Ser bem ligeiro e valente,
Mas vamos ver se supporta
Passar tres dias doente,
Com sêde de estalar beijo
E fome de serrar dente.

Se não tiver natureza
De comer calangro cru,
Passe um mez sem beber agua
Chupando mandacaru,
Dormir em furna de pedra
Onde só veja tatu.

Não podendo fazer isso,
Nem pense em ser cangaceiro,
Que é como um cavallo magro
Quando cáe no atoleiro,
Ou um boi estropiado
Perseguido do vaqueiro.

Ha de ouvir como cachorro,
Ter faro como veado,
Ser mais subtil do que onça,
Maldoso e desconfiado,
Respeitar bem as familias,
Comer com muito cuidado.

Andar em qualquer lugar
Como quem está no perigo,
Se for chefe de algum grupo,
Ninguém dormirá comsigo,
O proprio irmão que tiver,
O tenha como inimigo.

O cangaceiro sagaz
Não se confia em ninguém,
Não diz para onde vai,
Nem ao proprio pai se tem,
Se exercitar bem nas armas,
Pular muito e correr bem.

Em meu grupo tem entrado
Cabra de muita coragem,
Mas acha logo o perigo
E encontra a desvantagem
Foge do meio do caminho,
Não bota o meio da viagem.

Porque andar vinte leguas
Isso não é brincadeira,
E romper matto fechado,
Subir por pedra e ladeira,
Como eu já tenho leito,
Não é lá cousa maneira.

Pegar cobra como eu pégo
Quando ella quer me morrder,
Cascavel com sete palmos,
Só se Deus o proteger,
Mas eu pego quatro ou cinco
E solto-a, deixo-a viver.

Que é para ella saber,
Que só eu posso ser duro,
Eu já conheço o passado,
Nelle ficarei seguro,
Penso depois no presente
Previoo logo o futuro.

AVISO

Com o fim de evitar os abusos constantes, resolvi d'ora em diante estampar em todas as minhas obras o meu retrato em um cliché, sem logar determinado.

Leandro Gomes.



6066

AVISO

Com o fim de evitar os abusos constantes, resolvi d'ora em diante estampar em todas as minhas obras o meu retrato em um cliché, sem logar determinado.

Leandro Gomes.

—○—

Typ. Perseverança—rua do Alerim 38 E

(LGB)